

DEPARTAMENTO
DE FILOSOFIA

ESPIRITUALIDADE INACIANA, ÉTICA E DIREITOS HUMANOS

Junot Cornélio Matos¹

Resumo:

Fazendo uma abordagem acerca da espiritualidade inaciana, o autor visa a demonstrá-la como fonte de inspiração para o trabalho com a educação em escolas e instituições de ensino superior dos jesuítas.

Compreendendo que a visão cristã do mundo e do ser humano hoje está formulada como humanismo social, o autor recorre a textos dos jesuítas que orientam a fazer valer o primado do ser humano ante o neoliberalismo procurando reativar questionamento e conclusões.

Palavras-chave: Espiritualidade inaciana, humanismo social, educação, ética

Abstract:

The author of this paper aims at an approach based on Ignatian spirituality to show how it can be a source of inspiration for activity in education in Jesuit schools and institutions of higher education.

Aware that the Christian view of the world and of human beings is formulated today as social humanism, the author points to texts by Jesuits that show how to give value to the primacy of human beings in the face of neo-liberalism and seeks to reactivate questioning and conclusions.

Key-words: Ignatian spirituality, social humanism, education, ethics.

Quiseram os organizadores deste “I Ciclo de Palestras de Ética e Direitos Humanos” incluir, na temática desta mesa-redonda, uma comunicação sobre a Espiritualidade Inaciana e sua referência para com a ética e os direitos humanos. Convidado que fui para a tarefa, apresento-me, nesta ocasião, anunciando minha consciência de que qualquer tentativa de discorrer sobre a espiritualidade de Inácio de Loyola que não se coloque dentro do contexto do seu longo itinerário espiritual, visando a explicitar o caráter dinâmico de sua experiência, incorre no vício da parcialidade e no perigo de retirar conclusões incoerentes. Ora, como não sou jesuíta, nem altamente qualificado para trabalhar em profundidade o tema da espiritualidade vivenciada pelo Santo de Loyola, consola-me saber que o eixo articulador deste painel é mesmo **ética e direitos humanos**. Todos os temas, em suas especificidades, representam olhares diferentes de uma mesma problemática. Sendo isso verdade, meu esforço, nesta mesa, será o de tratar da temática central desde a perspectiva da espiritualidade inaciana, fazendo uma abordagem acerca das características fundamentais da mesma.

Nossa Carta de Princípios professa que somos “**uma universidade na tradição da Companhia de Jesus**”. O caminho percorrido desde sua promulgação tem-nos feito sentir e afirmar que somos de fato uma universidade na tradição e na **atualidade** da Companhia. Dizer que somos filiados a uma tradição desta natureza é o mesmo que reconhecer que estamos enraizados numa forma objetiva de seguir a Jesus e de fazer deste seguimento um serviço; no caso, da educação, um apostolado. Reconhecer nossa presença na atualidade desta obra é partilhar da certeza de que, em nossa origem, está um ideal pedagógico, inspirado nesse seguimento carismático de um Deus presente a um tempo concreto. É desejar ser, com os Jesuítas, companheiros de Jesus, comunhão com eles, segundo a nossa condição, nas orientações, nos desafios comuns e na mis-



são de sermos hoje, na educação, o sinal de um projeto de amor que não se esgota no tempo.

A Espiritualidade Inaciana

A espiritualidade inaciana é baseada na experiência pessoal, isto é, na busca e no encontro pessoal com Deus. Para Inácio, era muito claro que o encontro com Deus é uma experiência primeiramente pessoal. Deus ama a cada um de nós do jeito que somos e respeita nosso ritmo. Esse encontro pessoal com Deus, na pessoa de Jesus Cristo, inicia um processo de crescimento interior e radical mudança de vida. Essa havia sido a sua própria experiência, a de quem, uma vez enamorado pelo novo rei, Jesus Cristo, transforma radicalmente sua vida no desejo de segui-lo e imitá-lo.

A busca contínua de Deus, para sua intimidade e serviço, obrigando-o a deixar posições, a despojar-se sempre mais de si mesmo, é uma atitude fundamental dessa espiritualidade. Buscar a maior glória de Deus no serviço e no cumprimento de sua vontade. *“Esta atitude confere à sua espiritualidade aquele sentido de contínua dependência de Deus, de estar sempre alerta, em estado de permanente escuta para “sentir” a comunicação do Espírito”*. (Palaoro, 1987, p.19).

O amor pessoal pelo Deus que o habita transformou-se, em Inácio, em **desejo apostólico**: ele quer comunicar Deus aos outros, trazer os outros para perto de Jesus Cristo. Aqui está *“o traço característico da espiritualidade inaciana: ser uma espiritualidade apostólica... para transmitir a outros a Boa Nova e trazer os outros para perto de Jesus Cristo”* (Bingemer, 1995), partilhar a sua sedutora experiência de Deus com as pessoas que, por sua vez, se deixam seduzir. Aqui é importante assinalar a dimensão do **serviço** na vida de Inácio. Ele próprio se autocompreende como alguém que está a serviço. Esse serviço é serviço a Deus e aos outros. Para Bingemer, *“Esse serviço é entendido como louvar a Deus e ensinar aos outros a entrarem neste louvor e, por sua vez, servir também”* (Op. cit. 18)..

Deus, o criador do universo, deve e pode ser encontrado em todas as coisas. Santo Inácio diz que nada na vida é alheio à experiência de Deus. Propõe a indiferença, liberdade, diante das coisas, como meio para que possamos encontrar Deus em qualquer situação, pois Deus transfigura tudo. É em sua criação que Deus é contemplado. A História da Salvação é a história da presença operante da Trindade Santa; da comunicação do homem com Deus, fonte da vida de onde tudo sai e para onde tudo retorna. Nessa história, o homem é conduzido por Jesus Cristo.

Servir a Deus ao máximo é um ideal para todos. Significa que cada um deve buscar sempre o que for do maior agrado divino, visto que o caminho para Ele não conhece barreiras. Essa busca de sempre mais servir orienta-se à pessoa de Jesus, corresponde à entrega total e sem reservas para cumprir a vontade de Deus. Palaoro (Op. cit., p. 37) observa que *“a maior glória é um fim a ser perseguido, uma meta que não foi realizada plenamente; ela é um apelo constante e princípio do discernimento para eleger o melhor e melhor contribuir na obra da redenção. Estar a serviço da glória de Deus significa ao mesmo tempo estar a serviço dos homens”*. Um grande traço da espiritualidade inaciana é **estar com Jesus para servir**. Buscar sempre servir, e servir para a maior glória de Deus, será uma lição constante que Inácio transmite aos seus companheiros. Servir onde há necessidade, onde o bem se propague... *“por isso a espiritualidade de Inácio “é uma espiritualidade de mudança, que se adapta às circunstâncias e às exigências de cada momento; é uma espiritualidade de risco, do homem de fronteira, de linha de frente”*. (Op. cit., p. 43).

Finalmente gostaria de rapidamente acenar para a importância atribuída por Inácio ao estudo e à formação intelectual² enquanto elementos integrantes do seu jeito peculiar de seguir a Jesus. Ele é alguém profundamente inteligente que se nutre constantemente do desejo de conhecer. Entretanto, compreende a inteligência enquanto dom de Deus. Só Deus pode dar. Cultiva-se, mas não se adquire.

Discutindo acerca de “ética e direitos humanos”, na perspectiva da espiritualidade inaciana.

Considerações Preliminares

A história humana, em todos os tempos e lugares, parece ter sido a de uma incansável busca de liberdade e justiça. De Buda a Cristo, de Gandhi a Luther King, a busca de uma verdade libertadora e conseqüente militância pela libertação aparecem como um imperativo motivador de toda a vida.

Cristo apontou para a força libertadora da verdade e Ele mesmo apresentou a si como essa verdade capaz de morrer para gerar os frutos da libertação. Jesus é a resposta de Deus para homens e mulheres em tempos de adversidade. Para Inácio, Cristo é o protótipo do servidor. Um serviço prestado integralmente buscando restabelecer, no ser humano, sua face de Filho e herdeiro do Criador. Desde o primeiro momento, é como anunciador da vida que Ele se apresenta a nós: *“Eu vim para que todos tenham vida”* (Jo 10,10). A novidade de vida que por Ele é proposta inclui a restauração plena e total da pessoa humana, a realização definitiva da felicidade, da solidariedade, do sonho bom presente ao Criador quando da concretização de sua grande obra. Jesus nos convoca para tempos novos cuja lei maior é o amor que estabelece a justiça e a paz.

Sua palavra tem ecoado por séculos afóra, na voz de seus seguidores. Em tempos diversos, pessoas diferentes assumiram, como ideal de vida, o seguimento radical de Jesus, transformando a si próprias e testemunhando, com a vida, a sedutora experiência de Deus. Nesse contexto, Inácio de Loyola deixou-se seduzir e nos legou uma forma original de escutar e servir a Deus no serviço aos demais.

Nossa pergunta, neste momento, é como nutrir-se dessa esperança e viver a alegria do Dom da fé num mundo sempre mais marcado pela destruição do ser humano, da natureza, da vida. Lima Vaz nos fala que *“a proclamação da Boa-Nova como fonte de felicidade tem pouca possibilidade de ser ouvida pelo homem moderno, a menos que ele não comece a pôr*

*em discussão os fundamentos de uma felicidade puramente humana radicada numa forma fechada de imanência”*³

Tratando da interpelação que a ética faz a nós brasileiros, neste momento, Bastos de Ávila (1994) diz que *“é de uma obviedade irritante a afirmação tão repetida que o Brasil passa por uma crise”*. Ele recorda que o país já viveu inúmeras crises afetando diferentes setores do sistema nacional. Entretanto, explica que a de agora *“atinge simultaneamente todos os setores”*. Considerando a hipótese de que tal fenômeno deve assentar-se numa causa comum, questiona: *“não será ela fundamentalmente uma crise ética?”*. Refletindo sobre dados da realidade, denuncia com extrema lucidez:

*“Temos agora plena consciência do altíssimo custo do subdesenvolvimento moral, mero eufemismo para dizer falta de ética. Entre nós, a solécia dos patifes atingiu níveis altíssimos de sofisticação e de criatividade. Quase cada dia vem a público a descoberta de uma nova forma de roubo e de espoliação. Na conjuntura difícil que atravessamos, de tentativa de estabilização monetária entramos num processo perverso de causação circular cumulativa. Os preços sobem, rapidamente, o capital especulativo não tolera sequer a desaceleração do crescimento da taxa de seus lucros; a máquina pública é azeitada com subornos e propinas; em torno de 60% dos bilhões investidos em programas sociais são absorvidos pela burocracia incumbida de administrar esses mesmos programas; o jogo sórdido de interesses nas licitações públicas; perdem-se bilhões em armazenagens caras de cereais que se deterioram e que poderiam saciar os famintos; gera-se assim a impressão de escassez que permite, por sua vez, o aumento dos preços, fechando assim o anel de causação circular cumulativa”*⁴

Esse quadro descrito naturalmente sofreu algumas modificações nestes últimos três anos. Evitarei, não obstante, emitir qualquer juízo que seja no sentido de avaliar possíveis avanços ou retrocessos. O fato é que, sem precisar ir muito longe, estamos imersos num contexto ex-



tremamente desafiador. Entretanto, apesar de convivemos e até nos sensibilizarmos com a caótica situação em que nos encontramos, ironicamente, ainda somos os brasileiros do jeitinho, conforme o testemunho de Eduardo Giannetti da Fonseca⁵:

“O paradoxo do brasileiro é o seguinte. Cada um de nós isoladamente tem o sentimento e a crença sincera de estar muito acima de tudo isso que aí está. Ninguém aceita, ninguém agüenta mais: nenhum de nós pactua com o mar de lama, o deboche e a vergonha da nossa vida pública e comunitária. O problema é que, ao mesmo tempo, o resultado oficial de todos nós juntos é precisamente tudo isso que aí está! A auto-imagem de cada uma das partes – a idéia que cada brasileiro gosta de nutrir de si mesmo – não bate com a realidade do todo melancólico e exasperador chamado Brasil.

Aos seus próprios olhos, cada indivíduo é bom, progressista e até gostaria de poder “dar um jeito” no país. Mas, enquanto clamamos pela justiça e eficiência, enquanto sonhamos, cada um em sua ilha, com um lugar no Primeiro Mundo, vamos tropeçando coletivamente, como sonâmbulos embriagados, rumo ao Haiti. Do jeito que a coisa vai, em breve, a sociedade brasileira estará reduzida a apenas duas classes fundamentais: a dos que não comem e a dos que não dormem. O todo é menor que a soma das partes. O brasileiro é sempre o outro, não eu”.
Ética e Direitos humanos, desde a espiritualidade inaciana, no mundo universitário

Como fundamento de todo apostolado desenvolvido pela Companhia de Jesus, mais particularmente, em nosso caso específico, no serviço prestado à educação, está uma visão cristã do mundo e do ser humano, onde cada ser humano é considerado como tendo um valor único e mesmo infinito, como imagem e semelhança de Deus. Esse humanismo cristão hoje está formulado como um humanismo social. Na concepção inaciana, os educandos não são formados somente para si mesmos, para adquirir um refinamento excelente e uma extraordinária capacidade profissional, mas para o outro. Trata-se de superar o narcisismo, o ego-

ísmo de classe e o corporativismo, e saber dedicar seus talentos ao serviço do próximo. Isso vale para o plano interpessoal, pela aprendizagem dos valores da solidariedade, da justiça social e da cidadania, mas também, num plano mais amplo, na abertura para o mundo, para os grandes desafios da região, do país, do continente, do planeta e para os problemas de cultura e de sociedade presentes a esta passagem de milênio.

Essa visão positiva do ser humano e do mundo leva-nos a conceber que este mundo no qual grassam tantos contravalores, que chegam mesmo a negar o homem e a mulher em sua dignidade, não é o único possível. Nem muito menos aquele sonhado por Deus. Convida-nos, portanto, a escutar a palavra de Jesus que continua hoje, como ontem, a convocar-nos para o testemunho transparente no trabalho concreto e efetivo que sinalize o ideal de mulher, homem e mundo novos a que todos somos chamados pela comum vocação à vida⁶.

A Companhia de Jesus assumiu todo o seu vigor apostólico como serviço da fé e promoção da justiça, alertando-nos para “*a necessidade de trabalhar pela mudança estrutural nas áreas econômicas e políticas*”⁷. Constatando o avanço acelerado da globalização e seus efeitos nefastos, “*especialmente sobre os pobres*”, reclama o nosso trabalho “*por construir uma ordem mundial de genuína solidariedade, em que todos possam ocupar o lugar que lhes cabe no banquete do Reino*”⁸.

Os Superiores Provinciais da Companhia na América Latina, em carta pública sobre o neoliberalismo, expressam-se da seguinte forma:

“*Não queremos nem podemos aceitar pacificamente que as medidas econômicas implementadas nos últimos anos, praticamente em todos os países da América Latina e do Caribe, sejam o único modo possível de orientar a economia, nem que o empobrecimento de milhões de latino americanos seja o custo inevitável de um futuro desenvolvimento*” (p. 10).

Nessa mesma linha, posicionaram-se as

universidades jesuíticas da América Latina através de seus reitores⁹:

“Estamos conscientes de que a atual globalização não significa o fim dos blocos, senão que suscita novos intentos de hegemonia econômica, novos brotos de racismo, de xenofobia e de espírito de exclusão dos povos”.

Devemos, portanto, colocarmo-nos a favor da vida. Fundados nesta convicção da primazia do ser humano, precisamos definir quais são as condições mínimas para uma existência digna e fazer dela o nosso ideário de vida, como gente e como educadores. Inspirados pela espiritualidade inaciana, não podemos nos cansar nem intimidar pelas dificuldades; porém, procurar sempre discernir a melhor maneira de servir; a mais adequada forma de colocar-se a serviço da formação desta parcela de juventude com a qual nos é dado trabalhar na perspectiva de formarmos lideranças, pessoas críticas, homens e mulheres capazes de atuar no mundo com um sentido ético e solidário. Segundo Paulo Meneses,¹⁰

“...a Companhia de Jesus não se dedicou ao mundo universitário apenas para ensinar disciplinas e promover as ciências, e sim para educar. Educação quer dizer a formação integral do homem, o pleno desenvolvimento de sua humanidade; e o que faz o indivíduo ser um homem de bem, o que lhe dá um valor propriamente humano, é a sua qualidade ética, o seu caráter. E isso é de tal forma verdadeiro, que sem a ética tudo o mais perderia o sentido; o saber voltado para o mal é mais nocivo que a ignorância. As outras qualidades humanas, como persistência, capacidade de influenciar pessoas, de administrar, de comunicar-se, quando falta a ética tornam-se perniciosas...”

A caminhada que estamos fazendo para discernir o rumo a seguir, as decisões tomadas e implantadas com segurança e cautela e a prática participativa que entre nós vai ganhando textura estão permeadas pela convicção de que somos uma Universidade que, ao buscar construir e disseminar saber, ao empenhar-se efetivamente no incentivo e na produção da

pesquisa científica, ao prestar serviços à comunidade, tem em conta sua missão de ser portadora da esperança que em Deus reside e defensora da dignidade e do valor da pessoa humana, sua criatura predileta. Como não anunciar ao mundo que o amor de Deus é maior que tudo o que possa construir a mais avançada ciência, a mais sofisticada tecnologia? Como omitir à nossa comunidade acadêmica que a luta pela construção de dias melhores se fundamenta no amor universal, declarado em nossa Carta de Princípios, princípio de fé na qual se funda nossa própria universidade?

A educação tem uma tarefa a cumprir em nossa sociedade. Não que venha ela sozinha resolver o drama de uma população de empobrecidos, de um contingente social marcado pela mais absoluta miséria.

A educação oferece, contudo, o acesso aos bens universais da cultura e do saber. Ela é, por isso, poderoso instrumento para formar homens e mulheres novos, críticos, conscientes. Somos defensores de que a educação não deve ser privilégio de alguns, defendemos a educação e a escola para todos. Não nos alinhamos às políticas neoliberais em curso que levarão a um afunilamento ainda maior do acesso escolar.

Somos uma universidade comunitária, a serviço de um público cada vez maior, comprometida com os interesses da cidadania. A nossa voz deseja erguer-se para anunciar fortemente que não somos mercadoria, somos gente! Que não nos deixamos conduzir pelo mercado, temos uma vocação e uma missão! Que não nos prendemos exclusivamente ao valor material do serviço que prestamos, estamos a serviço da pessoa. Queremos formar homens e mulheres com a melhor qualificação profissional, pessoas aptas e competentes para ingressarem no mercado de trabalho. Porém, pessoas por inteiro. Pessoas que pensem a realização profissional dentro de um projeto de vida maior que contemple as várias dimensões do seu humano ser. Pessoas que projetem e busquem a satisfação material no contexto maior da sociedade, que entendam que as riquezas e o conforto não são fim em si, mas mediação de uma



felicidade maior ainda. Pessoas que trabalhem a serviço da vida, com esperança.

Neste final de século, são muitos os desafios que nos convocam urgentemente para repensar a sociedade humana. O maior deles, talvez, seja o de inculcar que, sem solidariedade, concreta e efetiva, possivelmente não teremos vida longa. Nosso planeta agoniza pelo desmate da flora, pela desarmonia da fauna. O grande seio da mãe terra e o ventre dos oceanos, o sol que nos ilumina e o ar que nos envolve... a natureza grita e geme, pede solidariedade. O ser humano, desfigurado das mais absurdas formas, clama nossa atenção. Esta é a hora da solidariedade. O ano jubileu que se aproxima é momento de reflexão e reposicionamento. Lutar pela paz no mundo, buscar diminuir, minimamente que seja, as desigualdades sociais, colocar-se a serviço da vida e da esperança: eis, ao meu ver, um jeito inaciano de servir aos outros na educação.

BIBLIOGRAFIA

ÁVILA, Fernando Bastos de. S.J. Brasil: a Interpelação da ética e o momento da solidariedade. **Magis: Caderno de Fé e Cultura**. n. 2, p. 1-10, out. 1994.

BINGEMER, Maria Clara L. Santo Inácio de Loyola. **Magis: Caderno de Fé e Cultura**. n. 8, p. 1-21, set. 1995.

IGREJA CATÓLICA. Congregação Geral XXXIV. **Jesuítas e Leigos: Servidores da Missão de Cristo**. São Paulo : Loyola, 1997.

KLEIN, Luiz Fernando, S.J. **Atualidade da Pedagogia Jesuítica**. São Paulo : Loyola, 1997.

MENESES, Paulo, S.J. Universidade hoje: compromisso com a Verdade, a Fé e a Justiça. In: OSOWSKI, Becker, CECÍLIA, Lia (org.) **Visão Inaciana da Educação: Desafios hoje**, São Leopoldo : Unisinos, 1997. p. 33

PALAURO, Adroaldo, S.J. **A experiência espiritual de Santo Inácio e a dinâmica interna dos exercícios**. São Paulo : Loyola, 1992.

NOTAS

¹ Junot Cornélio Matos é professor-adjunto do Departamento de Filosofia e Decano do Centro de Teologia e Ciências Humanas da UNICAP. Mestre em Filosofia e doutorando em Educação na UNICAMP e membro do Conselho Editorial da Revista de Educação da AEC.

² Klein (1997) apresenta a trajetória da formação acadêmica de Inácio, destacando aspectos significativos da mesma.

³ Foi Chrétienne et Quête du Bonheur, Conselho Pontífico para os Não Crentes – Città del Vaticano, 1991. In Magis- Cadernos de Fé e Cultura. Nº 2. Outubro de 1994. P. 2.

⁴ Op. Cit. P. 5

⁵ Vícios privados, benefícios públicos? São Paulo. Cia. Das Letras, 1993. P. 12 apud Ávila, Fernando Bastos. Op. Cit.

⁶ Cfr. Carta de Princípios, nº 8.

⁷ Congregação Geral XXXIV, nº 5

⁸ Idem, nº 7

⁹ Refiro-me ao documento “**Desafios de América Latina y propuestas educativas AUSJAL**”, (nº marginal 134):

¹⁰ In Osowski/Becker, Cecília/Lia (org.) **Visão Inaciana da Educação: Desafios hoje**, p. 33